



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5,9b)

A EUCARISTIA E A UNIDADE DA IGREJA

No dia 17 de abril, João Paulo II assinou sua encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, a Igreja que vive da Eucaristia. Encíclica é uma carta de caráter solene e oficial, dirigida pelo Sucessor de Pedro a toda a Igreja. Nesta encíclica, o Papa apresenta a doutrina sobre o mistério eucarístico recebida dos Apóstolos, conservada e desenvolvida com fidelidade pelo magistério da Igreja. Por isso mesmo, o capítulo terceiro trata da apostolicidade da Eucaristia e da Igreja. A Eucaristia que a Igreja celebra e da qual se alimenta foi confiada por Jesus aos Apóstolos. De acordo com a fé dos apóstolos, a Igreja a celebra. É presidida pelos sucessores dos apóstolos, os bispos, e por aqueles que, pelo sacramento da ordem, foram constituídos seus colaboradores. A apostolicidade, pois, é componente essencial da natureza da Eucaristia.

A Eucaristia expressa a unidade da Igreja. “Já que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão” (1 Cor 10,17). Este corpo, de que fala Paulo, é a Igreja. Deste ensinamento, a encíclica tira diversas conseqüências de natureza pastoral, inclusive no campo do ecumenismo. A Eucaristia não pode ser concelebrada por aqueles que não comungam a mesma fé no mistério eucarístico professado pela Igreja. Neste caso, a celebração não seria uma linguagem autêntica. Daria margem a ambigüidades sobre a própria natureza da Eucaristia. Simplesmente ocultaria a divisão. Assim, em vez de ajudar, acabaria prejudicando a construção da unidade, a qual não pode prescindir da verdade (cf. n.44).

A Eucaristia alimenta a vida e unidade da Igreja. Por isso, a encíclica insiste sobre a celebração dominical da Eucaristia. Ela não pode ser substituída por celebrações ecumênicas da Palavra. Creio que, sem a celebração dominical da Eucaristia, nos esqueceríamos de que existe a Igreja ou, pelo menos, que somos os seus membros.

Finalmente, a Eucaristia tem um aspecto pedagógico: educa para a unidade. “A Eucaristia, como suprema manifestação sacramental da comunhão da Igreja, exige para ser celebrada um contexto de integridade dos laços, inclusive externos, de comunhão” (n. 38). Comunhão na mesma fé, na celebração dos mesmos sacramentos, na obediência aos legítimos pastores, sucessores dos Apóstolos. Oportunamente, a encíclica recorda as admoestações de São Paulo com relação às divisões na comunidade de Corinto (cf. 1 Cor 11, 17-34). Elas estavam em contraste com a Ceia do Senhor que celebrava. Recorda ainda a admoestação de Agostinho: “quem recebe o sacramento da unidade, sem conservar o vínculo da paz, não recebe um sacramento para seu benefício, mas antes uma condenação” (n. 40)

A *Ecclesia de Eucharistia* está em continuidade com a encíclica sobre o mistério eucarístico, dirigida aos bispos em 1980. Nela, João Paulo II recorda o aspecto ético da celebração da Eucaristia. Afirma que todos aqueles que participam da Eucaristia devem assumir um tríplice compromisso. Antes de tudo, compromisso com o amor. A Eucaristia condensa e expressa o amor de Cristo levado ao extremo. Participar, pois, da Eucaristia implica o compromisso de gastar a própria vida no serviço e na dedicação aos irmãos.

A Eucaristia é também o sacramento do Pão dividido, compartilhado. Implica o compromisso com a construção de uma sociedade, onde o “pão”, isto



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5.9b)

é, tudo aquilo que é fundamental para a vida - alimento, veste, saúde, educação, habitação - não falte a ninguém.

Por fim, a Eucaristia é a celebração da páscoa de Cristo, da vida em plenitude. Quem participa da Eucaristia deve assumir a responsabilidade para com a vida humana desde sua origem, no ventre materno, até o seu fim natural. Seja a vida que nasce plena e forte, seja a vida que nasce frágil e pobre. Na exortação apostólica *Christifideles Laici*, o Papa recorda que não passa de hipocrisia defender condições de vida digna para todos, como o direito à habitação, à saúde, à educação, e, ao mesmo tempo, não respeitar a vida que surge no seio materno, mesmo que pobre e fraca.

Com a instituição da Eucaristia, Cristo inaugurou um novo modo de estar presente na Igreja, no mundo e em cada um de nós. Como recorda a encíclica, a Eucaristia é uma realização concreta e plena de sua palavra: “Eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”. (Mt 28, 20).

APOSTOLICIDADE: DA IGREJA E DA EUCARISTIA

O sentido de “apostolicidade”, referência na compreensão da Eucaristia e da Igreja, assunto no terceiro capítulo da Carta Encíclica “A Igreja Vive da Eucaristia”, do Papa João Paulo II, evoca questões de raiz e de fundamentação.

Apostolicidade é, pois, raiz de identidade enquanto referência a Jesus Cristo e aos apóstolos. O conceito de apostolicidade evoca aquelas “circunstâncias dramáticas em que nasceu a Eucaristia”: Jesus, tendo os apóstolos ao seu redor, está diante do mistério de sua paixão e morte. Naquela ceia derradeira está situado o sacrifício da cruz, por antecipação ao seu acontecimento; e, ao mesmo tempo, cada vez em que é celebrado, pela força da “presença sacramental”, este sacrifício se perpetua pelos séculos. A Eucaristia é, por isso, “o dom por excelência”, “porque é dom d’Ele mesmo, Jesus Cristo, da sua pessoa, na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação” (EE 11).

Este “dom por excelência”, o Santíssimo Sacramento, nasce da oferta das ofertas, a oferta redentora de Cristo Jesus, em obediência amorosa ao Pai, pela força do Espírito Santo, e é colocado nas mãos dos apóstolos, como ministério.

O mistério eucarístico se alicerça na oferta sacrificial de Cristo Jesus. A Igreja nasce do coração desta oferta, no símbolo do lado aberto do seu Senhor e Salvador, de onde correm sangue e água. Por isso, a Eucaristia, mistério da fé, memorial e banquete, edifica a Igreja dando a esta a mesma seiva que a alimenta e a sustenta, com aquela mesma qualidade que a originou. Por sua vez, a Igreja faz a Eucaristia na medida em que, obedientes, os apóstolos, tendo recebido o mandato, “Fazei isto em memória de mim”, realizam e atualizam o sacrifício redentor de Cristo pela salvação de toda a humanidade. Este mandato e esta obediência se inscrevem como constitutivas e definitórias da identidade e da missão dos sucessores dos apóstolos até hoje.

A apostolicidade, portanto, se compreende neste cenário da oferta salvífica de Jesus, na presença dos apóstolos e na possibilidade do que



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5,9b)

humanamente são, mas investidos do que se tornam, pelo desejo e mandato de Jesus, fazendo deles os dispensadores deste grande mistério.

Esta compreensão fundamental revela o sentido apostólico da Eucaristia e da Igreja: da Eucaristia enquanto origem e fonte da Igreja, na medida em que Jesus se faz DOM e o entrega aos apóstolos; da Igreja enquanto edificada sobre o “alicerce dos apóstolos” (Ef 2,20), e nela se celebra a Eucaristia.

Apostolicidade revelada enquanto se celebra de acordo com a fé dos Apóstolos, na integridade de sua compreensão doutrinal, pelo ministério dos seus sucessores no ofício pastoral, o colégio dos bispos, e assistidos pelos presbíteros, no serviço do ensino, da santificação e da condução.

Esta apostolicidade é, pois, uma compreensão que situa a compreensão do sacerdócio ministerial como ação que, no sacrifício eucarístico, não só faz as vezes de Cristo, mas age pela força da “ específica e sacramental identidade com o Sumo e Eterno Sacerdote, que é o Autor e o principal Sujeito deste seu próprio sacrifício, no que verdadeiramente não pode ser substituído por ninguém” (EE 29), pois supõe o sacramento da Ordem, graças à ininterrupta sucessão apostólica desde as origens, gerando a condição necessária para a constituição do presbítero, com a conferência do poder de consagrar a Eucaristia.

Esta apostolicidade, elemento substantivo da Eucaristia e da Igreja, põe perspectivas concretas para os fiéis católicos: fidelidade ao sentido da verdade doutrinal da Eucaristia; atenção a práticas de “hospitalidade eucarística”, para “ não dar aval a ambigüidades sobre a natureza da eucaristia” (EE 30); a obrigação e empenho pela Missa dominical. Mais ainda, compreender a Eucaristia como centro e vértice da vida da Igreja, e igualmente o ministério sacerdotal, reforçando a necessidade do empenho da promoção vocacional.

A apostolicidade inclui, deste modo, a compreensão, o empenho e a vivência do horizonte aberto pelo Concílio Vaticano II: “nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração eucarística” (PO 6). Por isso, “ a Igreja vive da Eucaristia”(EE 1).

+ **Walmor Oliveira de Azevedo**

A ENCÍCLICA DO PAPA SOBRE A EUCARISTIA

Irmãos e irmãs! Na Quinta-feira Santa deste ano, dia 17 de abril passado, o Papa João Paulo II publicou sua Carta Encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja, intitulada *Ecclesia de Eucharistia* (A Igreja vive da Eucaristia).

As primeiras palavras da encíclica já manifestam a importância central da Eucaristia para a Igreja. Ali o Papa afirma que “a Igreja vive da Eucaristia”, acrescentando que essa verdade “contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja” (n.1). A Igreja que é mistério de Deus no mundo se nutre deste outro mistério de Deus no mundo que é a Eucaristia. Igreja e Eucaristia manifestam uma reciprocidade essencial, admirável e misteriosa, que manifesta a presença e a atuação salvífica de Deus na história humana. A Igreja realiza a Eucaristia, segundo o mandato de Jesus, e a Eucaristia edifica, une, reúne e nutre a Igreja.



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5.9b)

De fato, desde a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos, no dia de Pentecostes, quando a Igreja iniciou sua peregrinação através da história rumo à pátria celeste, a celebração da Eucaristia, que é a Santa Missa, deu o ritmo aos dias da Igreja no mundo. Foi no ritmo das celebrações da Santa Missa, em especial da Missa dominical, que a Igreja veio atravessando os séculos e já dois milênios, “enchendo-os de consoladora esperança” (n.1), afirma o Papa. Que belas palavras, essas do Papa! Como nos fazem entender a força que a Santa Missa significou, desde o início, para a vida da Igreja neste mundo agitado e conturbado, ferido pelo pecado.

Em seguida, o Papa lembra outra verdade fundamental da Igreja peregrina, que o Concílio Vaticano formulou, dizendo que o sacrifício eucarístico é “fonte e ápice de toda a vida cristã” (n.1). A razão desta eminente grandeza da Eucaristia é que nela se torna presente a própria morte e ressurreição de Jesus Cristo, em forma sacramental. De Jesus morto e ressuscitado brota a vida cristã. Ele é a fonte de toda vida cristã. Mas é também seu ápice, seu cume, seu centro, pois a vida cristã deve progredir até configurar-se o máximo possível com Cristo morto e ressuscitado. Não só o indivíduo cristão, mas também a comunidade dos cristãos. Ora, na Eucaristia Jesus, morto e ressuscitado, se torna de novo presente, sacramentalmente, pela força do Espírito Santo. Por essa razão, a Eucaristia, o sacrifício eucarístico, na medida em que cada cristão e a comunidade cristã participam deste mistério, é “fonte e ápice de toda a vida cristã”. Podemos dizer isso ainda de outra forma, ou seja, quando a comunidade cristã está reunida ao redor da Eucaristia, na Santa Missa, ela é mais ela mesma, ela existe na sua forma mais perfeita aqui na terra.

Então, o Papa lembra como teve a grande graça de celebrar a Eucaristia, a Santa Missa, no próprio local onde Jesus a instituiu, isto é, no Cenáculo, em Jerusalém, quando João Paulo II peregrinou para a Terra Santa, durante o Grande Jubileu de Jesus Cristo, no ano 2000. Ele lembra emocionado: “Foi lá que Jesus tomou nas suas mãos o pão, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: “Tomai, todos, e comei: Isto é o meu Corpo que será entregue por vós” (cf. Mt 26,26; Lc 22,19; 1 Cor 11, 24). Depois, tomou nas suas mãos o cálice com vinho e disse-lhes: “Tomai, todos, e bebei: Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados” (cf. Mc 14,24; Lc 22,20; 1 Cor 11,25)”; e então o Papa acrescenta comovido: “Dou graças ao Senhor Jesus por me ter permitido repetir no mesmo lugar, obedecendo ao seu mandato: “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22,19), as palavras por Ele pronunciadas há dois mil anos” (n.2).

É assim que o Papa introduz esta grande encíclica sobre a Eucaristia, alimentando em nós a memória amorosa da Última Ceia de Jesus, a instituição da Eucaristia durante essa Ceia e mostrando-nos a relação da Eucaristia com a Igreja peregrina através dos séculos e com cada cristão.

Cardeal Dom Cláudio Hummes
Arcebispo Metropolitano de São Paulo



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5.9b)

O CULTO PRESTADO À EUCHARISTIA FORA DA MISSA

“A Eucaristia é um tesouro inestimável: não só a sua celebração, mas também o permanecer diante dela fora da Missa permite-nos beber na própria fonte da graça. Uma comunidade cristã que queira contemplar melhor o rosto de Cristo, segundo o espírito que sugeri nas cartas apostólicas *Novo millennio ineunte* e *Rosarium Virginis Mariae*, não pode deixar de desenvolver também este aspecto do culto eucarístico, no qual perduram e se multiplicam os frutos da comunhão do corpo e sangue do Senhor” (João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia* n.25).

A celebração da Santa Missa não esgota o culto de adoração e ação de graça, ainda que seja o centro do próprio culto, mas se prolonga no culto eucarístico fora da missa. O dom que recebemos do Senhor é precioso testamento que nos deixou para permanentemente dele usufruirmos.

Quando Jesus, na quinta feira santa, celebrou a primeira Missa para perpetuar, através da Igreja, a oferta do seu sacrifício, antecipou a promessa que nos deixou antes da Ascensão: “Eu estarei convosco sempre até o fim do mundo” (Mt 28, 20). Ele permanece conosco, caminha conosco através de sinais sensíveis, no Sacramento do altar, sob os quais a nossa fé encontra a sua presença real.

Temos a reserva do Santíssimo Sacramento, que permanece após a celebração da Missa, nos relaciona sempre com o próprio sacrifício da cruz celebrado na comunidade cristã em cada missa. A celebração da Eucaristia é o centro, portanto, da Igreja, dos demais sacramentos e de sua atividade apostólica. A Igreja cresce e vive pela Eucaristia. Na catequese e na pastoral deve se insistir no apreço e valorização da centralidade da missa acima de todas as demais formas de culto eucarístico.

O fim primeiro e originário da reserva das sagradas espécies é a administração do viático ao doente moribundo. Em consequência pode-se distribuir a comunhão fora da missa para os que não puderam dela participar e para os enfermos.

A adoração de Nosso Senhor Jesus Cristo presente no Santíssimo Sacramento é dever de toda a Igreja pública e privadamente. Importante é pois que o local e o tabernáculo, onde se conservam as espécies do Santíssimo Sacramento, sejam visíveis aos fiéis, dispostos com dignidade e com segurança, e que também os fiéis conheçam bem outros gestos de adoração que são devidos, como a genuflexão e outros cuidados.

As procissões são formas de expressar a fé, culto e veneração ao Santíssimo Sacramento; é manifestação pública do amor e respeito do povo de Deus a Cristo Eucarístico. Entre todas, ocupa lugar proeminente a que se faz todos os anos na solenidade do Corpo e do Sangue, *Corpus Christi*. Desde séculos adquiriu direito de cidadania e se converteu em manifestação popular de fé e de adoração na maioria dos povos católicos.

É conveniente que a procissão se faça imediatamente depois da missa, na qual se consagra a hóstia sagrada para a procissão. A procissão sempre terminará com a bênção com o Santíssimo Sacramento ao povo presente.

Os Congressos eucarísticos internacionais, nacionais e diocesanos têm como fim promover o culto eucarístico no povo cristão. São acontecimentos



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5.9b)

especiais de aprofundamento e renovação, de vivência e compromisso eucarístico. São manifestação externa de uma Igreja orante e expressão viva de fé na presença sacramental de Cristo. Os Congressos tem uma preparação, celebração e prolongamento.

A exposição do Santíssimo Sacramento pode ser ocasião para recitação de uma parte da Liturgia das Horas, especialmente nas casas religiosas.

Durante a exposição, as preces, cantos, leituras e silêncio devem se organizar de maneira que os fieis, atentos à oração, de dediquem a Cristo, o Senhor, presente no Sacramento, concentrando sua mente e sentimentos no mistério eucarístico.

O costume da visita ao Santíssimo Sacramento há muito é observado. Paulo VI, em 3 de setembro de 1965, publicou a encíclica *Mysterium Fidei*. Nela fala expressamente da visita ao Santíssimo Sacramento quando exorta a promoção do culto eucarístico. E o Concílio Vaticano II, na *Presbyterorum Ordinis*, dispõe que se cumpra com fidelidade o ministério sacerdotal, e se tenha com gosto de coração o colóquio cotidiano com Cristo na visita e culto à Santíssima Eucaristia.

Na visita ao Senhor Sacramentado, e em todas as demais formas de culto à Eucaristia, o fiel, como afirma João Paulo II, na *Dominicae Coenae*, n. 3, mostra ao Senhor o que a mesma palavra eucaristia significa: “o agradecimento, o louvor por nos ter redimidos com sua morte, e feito partícipes de sua vida imortal, mediante sua ressurreição”.

Dom Geraldo M. Agnelo

Cardeal Arcebispo de Salvador

Presidente da CNBB

EM MEMÓRIA DE MIM

Entre os vários aspectos da fé da Igreja Católica na Eucaristia, na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (EE) o Papa João Paulo II recorda que ela é o “memorial” de Jesus Cristo. A Eucaristia não é relacionada apenas com um gesto ou uma atitude em particular de Jesus, mas é o sacramento de sua pessoa e de sua obra redentora, no sentido mais pleno. Assim compreendemos bem o que o Concílio Vaticano II disse, e o Papa repete: “na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo” (EE 1).

Com efeito, quando a Igreja celebra a Eucaristia, é Jesus Cristo que a convoca e reúne mediante a palavra da fé; na pessoa do ministro ordenado, é o próprio Jesus que preside a comunidade eucarística (cf. SC 7). E quando se proclamam as Escrituras durante a celebração, é ainda Ele quem fala e evangeliza o seu povo. Quando a comunidade celebrante oferece preces e louvores ao Pai, é Jesus Cristo, Pontífice da nova e eterna aliança, quem apresenta a Deus Pai as oferendas e oblações. E é Jesus que continua a se doar como alimento aos que se aproximam para recebê-lo na comunhão. Finalmente, quando a celebração é encerrada, Jesus envia novamente seus discípulos em missão para levarem a boa nova a toda criatura.



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5.9b)

O Papa recorda o sentido e valor sacrificial da Eucaristia: é o sacramento do sacrifício de Jesus oferecido uma vez por todas sobre o altar da cruz (EE 12). O próprio Jesus no momento da instituição da Eucaristia, durante a última ceia, deixou claro isto: entregando aos apóstolos o pão - “meu corpo” - Jesus aludiu à “entrega” deste corpo sobre a cruz em favor da humanidade; da mesma forma, ao lhes passar o cálice com o vinho - “meu sangue” - aludiu ao derramamento do seu sangue na paixão. A Eucaristia recorda a entrega livre, amorosa e total de Jesus a Deus Pai, em favor da humanidade; por isso ela é sacrifício verdadeiro (EE 13).

A Eucaristia é o memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus; não se trata de mera lembrança do passado, mas é presença sacramental. É o sacrifício de Jesus que se perpetua através dos séculos” (EE 11). Também não é repetição do passado, não é outro sacrifício: é o único e suficiente sacrifício de Jesus pela nossa salvação, que se torna presente e atual, para que também nós tenhamos parte nele hoje e se realize assim a obra da nossa redenção, no presente. A Igreja vive continuamente deste sacrifício redentor e tem acesso a ele não somente através de uma lembrança cheia de fé, mas também mediante um contacto atual. E, “por Cristo, com Cristo e em Cristo”, também ela oferece o sacrifício espiritual de si própria a Deus Pai (cf. LG 11).

Mas não é somente o mistério da paixão e morte de Jesus que é tornado presente, quando a comunidade se reúne para celebrar a Eucaristia: ela também faz a memória de sua gloriosa ressurreição dentre os mortos. Por isso ela aclama: “proclamamos vossa ressurreição”. A Igreja reconhece e anuncia que Jesus está vivo e presente no meio dela: “ele está no meio de nós!” O Ressuscitado é o “pão vivo” e vivificante, que se doa continuamente para a vida do mundo e nutre a humanidade a caminho do reino definitivo (EE 14).

Por aí podemos compreender melhor o título que o Papa deu à Encíclica: “*Ecclesia de Eucharistia*” (A Igreja vive da Eucaristia). De fato, mais do que em qualquer outro sacramento, é na Eucaristia que a Igreja é continuamente congregada pelo seu Senhor, nutrida por Ele mediante o anúncio do Evangelho e pelo Pão da vida, redimida pelos méritos de seu sacrifício pascal, estimulada a viver na unidade da fé e da caridade, animada na esperança e enviada em missão. A Igreja tem os olhos continuamente voltados para seu Mestre e Senhor, que a conduz como Bom Pastor e por ela intercede sem cessar junto do Pai; de Jesus, ela recebe vida em abundância, mediante a efusão do Espírito Santo.

“Fazei isto em memória de mim” (Lc 22 19): esta ordem de Jesus na instituição da Eucaristia lembra continuamente a Igreja que ela está indissolúvelmente unida à pessoa e à missão de Jesus Cristo; Ele mesmo, com tudo o que fez e ensinou, permanece a referência irrenunciável para tudo o que a Igreja faz e vive. Lembra ainda que a missão de Jesus continua presente no tempo através da Igreja; esta missão só será eficaz quando a Igreja se une estreitamente ao seu Mestre e Senhor, como é significado e realizado na celebração do sacramento da Eucaristia.



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

“Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes” (Lc 5.5b)

D.Odilo Pedro Scherer

Bispo Auxiliar de São Paulo

Secretário Geral da CNBB

MARIA E A EUCARISTIA

Na introdução de sua carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, o Papa João Paulo II explicita sua intenção de despertar o enlevo eucarístico, dando continuidade à herança jubilar e ao programa que propõe à Igreja para a aurora do novo milênio: “Contemplar o rosto de Cristo e contemplá-lo com Maria” (EE 6). Desse modo, o Papa relaciona a *Ecclesia de Eucharistia* com as cartas apostólicas *Novo millennio ineunte* e *Rosarium Virginis Mariae*. Nesses três documentos papais, sobressai uma íntima relação entre o mistério de Cristo e o mistério de Maria. O eixo que os relaciona está no verbo *contemplar*. O mistério de Cristo nos mostra o objeto de nossa contemplação. O mistério de Maria nos revela o modo como devemos contemplar o rosto de Cristo. Em *Novo millennio ineunte* somos colocados diante de um rosto a contemplar: o rosto do Filho encarnado, crucificado e ressuscitado (NMI 24-28). Em *Rosarium Virginis Mariae*, é-nos apresentada a proposta de vida: contemplar Cristo com Maria, modelo de contemplação (RVM 9-17).

Em *Ecclesia de Eucharistia*, somos convidados a contemplar, com Maria, o Cristo eucarístico. Não apenas, portanto, o Cristo que encontramos nos Evangelhos, encarnado, crucificado e ressuscitado, mas o Cristo que encontramos, vivo e atual, no sacramento da Eucaristia. Também para a contemplação do Cristo eucarístico, temos “a Virgem Santíssima como Mestra da contemplação”, porque ela “tem uma profunda ligação com ele” (EE 53). Tão significativa é a relação entre Maria e a Eucaristia que o papa reserva ao tema um capítulo inteiro: Na escola de Maria, mulher eucarística (cap. VI).

A fundamentação que o papa apresenta para a contemplação que Maria faz de Cristo encontra-se, evidentemente, nas Escrituras. Fazendo uma leitura espiritual e imaginativa da Sagrada Escritura, na linha do exemplo deixado pelos Santos Padres, o papa enriquece o depósito da fé. De modo criativo, ele retoma todas as referências evangélicas a Maria e as relaciona com o mistério eucarístico. Inicia, lembrando a presença de Maria no seio das primeiras comunidades cristãs, “onde não podia certamente deixar de estar presente”, especialmente “nas celebrações eucarísticas, no meio dos fiéis da primeira geração cristã, que eram assíduos à fração do pão” (EE 53).

A partir desta última referência à história de Maria, o papa relê todos os acontecimentos marianos. Assim, “de certo modo, Maria praticou a fé eucarística ainda antes de ser instituída a Eucaristia, quando ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus” (EE 54). O *fiat* de Maria ao anjo antecede o *amém* dos fiéis ao receberem a comunhão. Na visitação, “de certo modo ela serve de sacrário – o primeiro sacrário da história – para o Filho de Deus” (EE 55).

Desse modo, desde o início até o final de sua vida, “Maria viveu a dimensão sacrificial da Eucaristia” (EE 56). Por ter ouvido que uma espada de dor lhe transpassaria a alma, Maria preparou-se durante toda a vida para o

Pça. Pe. Marcelo Almeida Pernambuco, 25 – 06890-000 – Centro

São Lourenço da Serra – SP – Brasil Tel/Fax: 55 (11) 4686-1235

www.paroquiasls.com.br / secretaria@paroquiasls.com.br

CNPJ: 61.378.766/0031-14



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA e SÃO LOURENÇO

"Em obediência à vossa palavra, lançarei as redes" (Lc 5.9b)

dia do Calvário, vivendo, assim, uma espécie de Eucaristia antecipada, haja vista que "aquele corpo, entregue em sacrifício e presente agora nas espécies eucarísticas sacramentais, era o mesmo corpo concebido no seu ventre" (EE 56).

Essa relação entre Maria e a Eucaristia é sugerida, na interpretação do papa, pelo próprio Cristo, quando entrega sua Mãe ao discípulo, para que ele a leve consigo para sua casa e para a comunidade de fé. Desde então, Maria "está presente em cada uma das celebrações eucarísticas" (EE 57).

Como a Eucaristia foi o centro da vida de Maria, de modo implícito no decorrer da vida terrena de Cristo, de modo explícito após a Páscoa, também para a Igreja o centro deve ser sempre a Eucaristia. Agora, a Igreja tem o Cristo "na pobreza dos sinais sacramentais", como "germe da nova história", como "antecipação e em certa medida síntese", até encontrá-lo na glória, na realização definitiva da Igreja e do mundo (EE 58).

A verdadeira "atitude eucarística" de Maria fora antecipada no Magnificat: louvar e agradecer ao Pai "por" Jesus, "em" Jesus e "com" Jesus". "No Magnificat está presente a tensão escatológica da Eucaristia" (EE 58). As profecias de Maria, confirmadas por seu Filho Jesus e hoje anunciadas pela Igreja, se cumprirão no novo céu e na nova terra, onde serão derrubados os poderosos e exaltados os humildes.

Maria, mulher profética do Magnificat é também mulher contemplativa da Eucaristia. Ela nos ensina que somente através da contemplação e da comunhão eucarística, os sonhos da Igreja ativa, profética, militante, tornam-se mais concretos e visíveis e, de certo modo, antecipados, no horizonte de sua história e na história do mundo.

Dom Murilo S.R. Krieger, scj
Arcebispo de Florianópolis